

Latinidade e Germanismo

*Não ha duvida que a Natureza dispôs
no mundo um logar proprio para exercer
um imperio universal; e este logar é Roma.*

DANTE.

VI

O germanismo em face do catolicismo, na paz e na guerra

O calcanhar d'Aquiles dos pobres germanos — não o disse Chamberlain? — era a falta duma religião nacional, *sua*, que os libertasse do jugo de Roma. Apareceu Lutero, e com ele essa religião desejada. Em nome de Cristo, em nome do Evangelho, combatia-se Roma e combatia-se o Papa. A Reforma dava aos germanos esse sentimento de autonomia e liberdade religiosa tão proprio do seu character individualista e anarquico. Mas a Reforma, que nós vimos já nascer, não dum desvio na intelligencia do reformador, por uma nova visão intellectual das coisas, mas simplesmente duma quebra no seu character, pela perversão da sua consciencia, — a Reforma não tardaria em ser aproveitada pelo pan-germanismo como meio de propaganda alemã e como um simples instrumento politico.

Com efeito, acima da religião deformada de Lutero, existe para os alemães uma outra religião mais venerada e mais seguida: o pangermanismo. Esta religião pagã, diabolica, professada simultaneamente por catholicos e protestantes, religião comum a todos os alemães, se tem como objectivo, á maneira de Lutero, tornar-se totalmente indifferente ás ordens de Roma, chega, no entanto, a ir mais longe do que o protestantismo, porque, ao contrario des-

te, vae até ao ponto de negar a propria essencia, e as verdades fundamentaes do Christianismo. — Os catolicos, tambem? — Expressamente, não. Mas pelo seu aplauso incondicional á politica de expansão alemã, pelo seu assentimento e pela sua cumplicidade em toda a especie de propaganda pan-germanista, os catolicos alemães colaboraram activamente na luta contra Roma. O *Centro Catolico* alemão, formado como agrupamento confessional, para no Parlamento reagir contra as perseguições feitas por Bismarck ao catolicismo, tornou-se mais tarde um simples partido politico, abandonando esse character confessional que primeiramente o havia informado. O pangermanismo absorve em si todas as modalidades do sentimento religioso, transformando-as depois numa religião unica onde Deus reveste a fórma de *Estado*, conforme a concepção hegeliana, com todos os attributos d'ordem moral inerentes a Deus; e esse novo paganismo, encontrando em Roma um serio obstaculo á sua acção, não hesita: combater a Igreja romana é um dever de patriotismo pangermanista. Se o povo germanico é uma emanção directa do espirito de Deus, se o Estado germanico é a forma visivel e palpavel que Deus reveste, se o Kaiser é o seu ungido e o seu mais alto representante, — como não haveria o pangermanismo de reagir contra o Papa e contra a Igreja catolica? Ah, não! Os germanos não precisam de elementos estrangeiros para riqueza do seu patrimonio: o solo sagrado da Germania, como se obedecesse á voz misteriosa duma daquelas fadas que trazem sempre consigo, nos contos da nossa infancia, uma varinha de condão, tudo produzirá quanto seja necessario aos seus habitantes, e mais do que isso, chegará para inundar o mundo e o converter ao germanismo... Christo era Judeu; o christianismo tem um sabor judaico que Roma latinizou: para que hão-de os germanos servir-se da Christandade, religião estrangeira, — para uns, porque, como já vimos atraz, para outros Christo é um puro germano... — se o solo germanico até deuses produz? Porque se não ha-de substituir Christo pelos deuses indigenas, Wotan, Thor, Odin?

Se o Kaiser odiava o Catolicismo e considerava a destruição da superstição romana como o objectivo supremo

da sua vida, atraz desse odio Roma existia tambem o odio ao proprio fundador da Igreja catolica. Não era apenas o Catolicismo que o Kaiser odiava: era tambem o Christianismo, embora por vezes nos apparecesse como o representante legitimo do Deus biblico. O germanismo tinha revestido um character religioso, com os seus dogmas e o seu proselytismo. Tinha creado novas necessidades de expansão, com as vitórias constantes nos campos de batalha e na guerra economica. Ora, a moral christã e catolica opunha-se a certos desses novos processos de expansão: o Direito não existia para os germanos, a Moral revestia todas as formas que eles queriam dar-lhe — e dentro em pouco o caminho de brutalidade seguido pela Alemanha levava-a absolutamente ao dominio da selvageria, Na guerra, o «bom Deus alemão» não era Christo: era o Deus da força, eram os deuses barbaros do Norte, Wotan, Thor e Odin. Na paz, que os alemães occuparam com a preparação da guerra e com a apologia brutal da força como unico meio de creação do Direito, a apologia da legitimidade de todos os meios para a germanisação do mundo ia muito além do que permitiam as leis moraes do Catolicismo e do proprio Christianismo. A Alemanha, portanto, não poderia deixar de ser anti-catolica e anti-cristã.

E' certo que na Alemanha existem alguns milhões de catolicos. Com as perseguições de Bismarck, quando da propaganda do *Kulturkampf*, a agitação catolica foi grande e os catolicos cumpriram bem o seu dever. As prisões encheram-se de sacerdotes, detidos por delictos de missa, de confissão, de extrema-uncção. Bispos e padres, em massa, foram obrigados a abandonar a Alemanha. Os congreganistas foram vigiados e alguns deles exilados. As municipalidades catolicas sofreram tambem toda a especie de vexames, acusadas de cumplicidade com os sacerdotes. Foi para reagir contra essas perseguições que o *Centro* se fundou, em 13 de dezembro de 1870. Mas, que importam esses milhões de catolicos, se quasi todos subordinam o seu catolicismo ao seu germanismo, se são poucos os que se manifestam catolicos acima de pangermanistas, se é o espirito protestante quem domina na Alemanha, se, por ultimo, o proprio *Centro* se desconfessionalisa, acei-

tando no seu seio protestantes pangermanistas, e colocando-se ao lado do Kaiser para o auxiliar na sua «política mundial»?

A batolha de Sadowa foi tomada como uma vitória da Prussia protestante contra a Austria catolicá. A guerra de 70, contra a França, foi ainda uma guerra religiosa, no sentido de ser determinada em grande parte pelo odio do protestantismo alemão ao catolicismo francês. «Em primeiro lugar os franceses, em seguida os jesuitas» — escrevia, em 5 de agosto de 1870, Kolkmann, num jornal de Goettingue. Em Constancia, as vitórias sobre a França eram tomadas tambem como victorias contra o inimigo do interior, o Catolicismo, chegando a acusar-se de traidores alguns elementos catolicos. Os padres alemães eram acusados de terem desejado a vitória da França. E quando Pio IX se recusa a reduzir o *Centro* ao silencio, Bismarck conclue uma aliança com os anti-clericaes, para por todas as formas combater o Catolicismo. Em 19 de junho de 1872, a ordem dos Jesuitas e todas as congregações que a ela estavam ligadas, foram excluidas do Imperio. O proprio christianismo, em Bismarck, revestia a forma especial do germanismo: a seus olhos, as igrejas não eram necessarias para continuar a obra de redempção da humanidade; para isso, lá estava, e bastava, o espirito germanico. «Os pastores protestantes, diz Bismarck em 1 de janeiro de 1872, não valem mais do que os catolicos.»

O *Kulturkampf*, combatendo o Catolicismo e o Christianismo, deschristianisou bastante a Alemanha. Do lado protestante, os exageros da critica aos textos biblicos acabou, como não podia deixar de ser, por tirar aos Evangelhos todo o character sagrado e religioso. Por outro lado, depois de Luthero ter subtraído a religião ao dominio romano, os protestantes viam agora com tristeza que a sua religião, liberta embora de Roma, se tinha tornado escrava do Estado alemão. Hegel justificava a presença da igreja no Estado, como duas faces da mesma instituição. As diversas seitas germanicas, absorvidas no Estado, perdiam a sua «vida interior», tornavam-se corpos sem almas. Quanto aos catolicos, pouco tempo depois das lutas contra o *Kulturkampf*, a sua maior parte torna-se indife-

rente, a começar mesmo pelo *Centro*: em 1906, o *Centro* liberta-se de qualquer preocupação confessional; os deputados não-católicos tiveram entrada no seu seio, a ponto de dentro de pouco tempo os protestantes terem nele a maioria. A grande preocupação do *Centro* e da maioria dos católicos, daí por diante, já não é a defeza da Igreja: é a expansão alemã, é a politica pangermanista do Kaiser, é a nova religião do germanismo.

Com estes antecedentes na paz, não é para extranhar que a Alemanha se manifestasse na guerra uma inimiga irreconciliavel do Catolicismo. Os soldados alemães cometiam toda a casta de atrocidades? Que importava! «Na guerra, a maior ausencia de escrupulos, se é praticada intelligentemente, — dizia em 1915 o *leader* do *Centro* católico alemão Erzberger — coincide de facto com a maior humanidade. Quando se está na situação de aniquilar Londres por um processo que se possui, isso é mais humano do que deixar um só dos nossos camaradas perder o seu sangue no campo de batalha, porque uma bela cura tão radical traz a paz mais depressa. A hesitação e a contemporisação, são imperdoaveis fraquezas. Uma acção decidida e sem escrupulos, eis a força. A vitória virá a seguir.» Um pastor protestante, Fritz Philipi, declarava numa igreja de Berlim que «a missão divina da Alemanha é crucificar a humanidade. Por consequencia, o dever dos soldados alemães é matar impiedosamente: devem matar, devem queimar, devem destruir. Meias medidas, seriam impias. Esta guerra deve ser impiedosa. Os maus, os amigos e os aliados de Satan, devem ser totalmente aniquilados». Um outro pastor protestante, Noebel, de Leipzig, numa das suas homilias, declarava: «E' esta consciencia da nossa missão que nos permite alegrar-nos e ser felizes, com o coração cheio de reconhecimento, quando os nossos engenhos de guerra abatem os filhos de Satan e quando os nossos maravilhosos submarinos, instrumentos da vingança divina, enviam para o fundo dos mares milhares de não-eleitos. Devemos combater os maus por todos os meios possiveis: os seus sofrimentos devem ser-nos agradaveis,

os seus gritos de dôr não devem impressionar os surdos ouvidos alemães.» Num sermão pronunciado na catedral de Berlim, o professor de teologia Rheinold Seeberg declara: «Nós não odiamos o nosso inimigo. Seguimos o mandamento de Deus que nos obriga a ama-los. Mas consideramos que é uma obra de amor mata-los, faze-los sofrer, queimar as suas casas, invadir os seus territórios. O amor divino está espalhado sobre o mundo, mas os homens devem sofrer por seu bem. Os pais amam os filhos — e castigam-n'os. Os professores gostam dos seus discípulos — e punem-n'os. A Alemanha ama as outras nações mas castiga-as para seu bem...» Tudo estava, assim, desculpado: todas as barbaridades tinham justificação á face do germanismo.

Foi com este espirito anti-christão que a Alemanha fez a guerra. O seu espirito destruidor não poupou as igrejas nem as catedrais, como as suas armas e os seus insultos não pouparam os padres e os bispos inimigos. O rôl destes crimes é longo. Debalde a Alemanha se defendia, afirmando que as torres das igrejas e das catedrais eram postos de observação e que os sacerdotes faziam uso de armas de guerra. As catedrais, depois de visadas e abatidas as suas torres, eram incendiadas: nos dias 17, 18 e 19 de setembro de 1914, a catedral de Reims recebeu quarenta obuses. No dia 19, á tarde, o incendio rompe! Quando soube do acontecimeeto, o *Lokal Anzeiger* publicou uma poesia alusiva, que terminava por estas palavras: «fechámos com chumbo, oh Reims, a tua casa de idolatria!» As outras catedrais e todas as igrejas, mais ou menos, foram destruidas pelo mesmo processo. Os sacerdotes, os bispos, os altos dignatarios da Igreja, fosse qual fosse a sua idade e a sua situação, eram maltratados, presos, espancados, e muitos conduzidos como refens para a primeira linha...

Tal foi na guerra o odio da Alemanha ao Catolicismo. Tal tinha sido na paz a preparação moral destas selvagerias, em nome do germanismo, — religião pagã a quem todos os credos religiosos na Alemanha prestavam culto.

Augusto da Costa.